

A IMPORTÂNCIA DA ESFERA TRANSCENDENTAL NO PENSAMENTO LÓGICO E METAFÍSICO DE WITTGENSTEIN

Ana Claudia Archanjo Veloso Rocha *

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar as relações pensadas pelo filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein, no que tange a esfera transcendental: lógica e metafísica. Em especial entre os anos de 1914-1929. Para isso, trabalharemos com alguns conceitos fundamentais dentro do pensamento filosófico do autor como “dizer”, “mostrar”, “limites da linguagem”, entre outros. Para tanto nossos fundamentos bibliográficos serão os Notebooks 1914-1916; Tractatus Logico-Philosophicus; Conferência sobre Ética.

Palavras-chave: Linguagem. Lógica. Metafísica. Wittgenstein.

Abstract: This article aims to present the relations conceived by the Austrian philosopher Ludwig Wittgenstein, regarding the transcendental sphere: logic and metaphysics. Especially between the years 1914-1929. For this, we will work with some fundamental concepts within the philosophical thought of the author as “say”, “show”, “limits of language” , among others. For both our bibliographic will Notebooks 1914-1916; Tractatus Logico-Philosophicus; Lecture on Ethics

Keywords: Language. Logic. Metaphysics. Wittgenstein.

*Professora do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes/MG). Mestre em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje).

Introdução

O filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein é considerado um dos maiores pensadores do século XX. A complexidade de seu pensamento está associada, sobretudo, às discussões abordadas pelo filósofo que vão desde os assuntos da filosofia analítica aos temas relacionados ao transcendental. A princípio, esta relação parece-nos incompatível, porém a leitura atenta e minuciosa de seus escritos nos aproxima da totalidade do seu constructo filosófico.

Para o pensador, o âmbito do mostrar, ou seja, do transcendental cinge tanto a lógica quanto o metafísico. Isto ocorre porque ambas as esferas possuem elementos transcendentais e que, portanto estão no limite do mundo.

Apesar de serem dois tipos diferentes de aspecto transcendental, observamos que tanto o lógico quanto o metafísico partilham dessa esfera. Ressaltamos que

A questão de como a lógica pode representar o mundo, e a questão do sentido do mundo, constituem em conjunto o “místico”. Ambas são esferas em que as proposições não têm qualquer possibilidade de ser significativas. Assim, a noção de “mostrar” tem raízes em duas relações: a relação entre o mundo e a lógica, e a relação entre os fatos que constituem o mundo e o sentido, ou significado do mundo. (JANIK; TOULMIN, 1991, p. 223).

A afirmação de Bertrand Russell: “Todo problema filosófico, quando submetido à análise e justificação necessárias, revela-se não ser realmente um problema filosófico, ou ser, no sentido em que usamos a palavra, um problema lógico” (Our Knowledge of the external world)(MARCONDES, 2004, p. 53). Entendemos ser pertinente este pensamento de Russell porque segundo Wittgenstein: um problema filosófico é um problema lógico e portanto analítico.

Sendo assim, nosso filósofo em questão, procedeu da mesma forma: o desenvolvimento do pensamento de Wittgenstein parte de uma questão tipicamente analítica, a saber, “qual é o limite da linguagem?”. Wittgenstein busca a resposta para tal questionamento, a partir da observação acerca das possibilidades da linguagem. Tais possibilidades, segundo Danilo Marcondes, correspondem ao “teste empírico, adotado como critério de validade das teorias científicas”(MARCONDES, 2004, p. 12).

Observamos que no dia 22 de janeiro de 1915 – período em que o *Tractatus* estava em fase de elaboração – Wittgenstein deixou registrado nos Cadernos 1914-1916 o objetivo de sua escrita: “Toda a minha tarefa consiste em esclarecer a essência da proposição. Quer dizer, indicar a natureza de todos os fatos cuja imagem é a proposição. Indicar a natureza de todo o ser” (WITTGENSTEIN; PROENÇA, 2004, p. 60). Esta declaração nos revela o claro indício de uma busca analítica, quando o filósofo fala acerca de fatos e proposição, todavia, revela um

ângulo de possíveis respostas que se aproximam do transcendental quando fala da essência e da natureza de todo o ser.

O que está em observação, conforme já mencionamos são os limites da linguagem. Sendo assim, observamos que a filosofia pensada e desenvolvida acerca de tais limites relaciona-se com a *linguagem científica*. Para isto, a linguagem utilizada precisa ser fundamentada de maneira lógica e em bases empíricas, a fim de que possa ser verificada. Nesse sentido, elementos metafísicos fogem à circunscrição científica, conforme veremos adiante.

A complexa resposta do filósofo relacionada aos limites da linguagem estabelece a fronteira entre aquilo que é possível dizer e, por conseguinte pensar, e aquilo que se mostra.

Wittgenstein afirma no *Tractatus* que “o pensamento é a proposição com sentido” (WITTGENSTEIN, 2008, Aforismo 4). Com efeito, o pensamento a que Wittgenstein se refere é aquilo que se expressa pela linguagem. Conforme mencionado, o pensamento é a proposição dotada de sentido, ele é conectado através da forma lógica ao fato do mundo que está descrevendo. A estrutura lógica, conforme veremos, se mostra na proposição.

Ao alcançar a compreensão de que o que se mostra não é dizível, Wittgenstein vislumbra a esfera do metafísico. É nesse ponto que o degrau analítico é superado e faz-se necessário a chave da perspectiva transcendental para a assimilação e compreensão entre aquilo que é possível ser dito e aquilo que se mostra. Sendo assim, as vertentes *metafísica e lógica* não são excludentes, mas complementares para a total apreensão do pensamento de Wittgenstein.

Isto ocorre devido ao caráter transcendental alcançado pelo filósofo em ambas as esferas do seu pensamento: metafísica e lógica. Embora Wittgenstein tenha como ponto de partida a linguagem que é um fenômeno empírico, ele fundamenta as possibilidades e limites desta, a partir da esfera transcendental.

Esfera lógica

Nosso filósofo coloca o *dizer* e o *mostrar* numa relação peculiar de complementaridade. Ressaltamos que segundo Wittgenstein, o “mostrar” relaciona-se com a esfera transcendental. A linguagem *diz* o que pode ser dito e, ao mesmo tempo, *mostra* as condições transcendentais de possibilidade do dizer. E aquilo que se mostra não pode ser dito.

Quanto à lógica, vejamos uma parte do aforismo 4.121 “A proposição mostra a forma lógica da linguagem. Ela a exhibe” (WITTGENSTEIN, 2008, Aforismo 4.121). Notamos que há duas

esferas no respectivo aforismo: o dizível, já que o filósofo fala da proposição, mas paradoxalmente é por intermédio da própria proposição que a forma lógica da linguagem não é dizível, mas sim mostrada.

Eis a questão: qual é o domínio do dizer? Só há possibilidade de falar sobre fatos e a linguagem é o instrumento adequado para expressar o que compõe o mundo. Sendo assim, só pode haver proposições dotadas de sentido quando se trata dos fatos mundanos.

No aforismo tractatiano 2.16, Wittgenstein nos diz que: “Os fatos, para serem figuração, devem ter algo em comum com o que é afigurado”. Assim os fatos somente representam os elementos do mundo e por conseguinte o ordinário. Nesse caso, observemos que na afirmação tractatiana 2.18: “cada figuração, de forma qualquer, deve sempre ter em comum com a realidade para poder afigurá-la em geral – correta ou falsamente – é a forma lógica, isto é, a forma da realidade”. O filósofo associa a figuração à forma lógica, assim, podemos antever que os fatos expressam também a forma lógica da proposição.

Apenas a proposição pode possuir sentido e, quando o possui, é porque ela está afigurando um fato. A única coisa que a proposição contém *a priori* é o seu sentido, pois ela pode ser compreendida antes que saibamos *a posteriori* se é verdadeira ou falsa.

A forma lógica pode ser considerada, na expressão de Wittgenstein, como o “cimento comum à linguagem e ao mundo” (WITTGENSTEIN, 2008, Aforismo 5.4711). Isto se justifica porque a forma lógica é aquela capaz de estruturar o mundo e a linguagem. Esta estruturação só acontece porque é através da lógica que as condições de possibilidade transcendental tanto da linguagem quanto do mundo podem ser estabelecidas. Depois de delimitadas as referidas condições de possibilidade, Wittgenstein chega à essência do mundo. Assim, compreendemos que a lógica é o fundamento tanto da linguagem como do mundo. A princípio, o mais importante é fundamentar os limites da linguagem, mas, quando estes são estabelecidos, necessariamente estabelecem-se as condições de possibilidade do mundo.

Nesse sentido percebemos que a compreensão do Tractatus é lógico-ontológica. Assim, a forma lógica da proposição expressa a condição *a priori* de que as proposições complexas são combinações lógicas de proposições atômicas, descrevendo assim os fatos complexos do mundo, sendo estes combinações lógicas de fatos atômicos. O espaço lógico funciona como a região no interior da qual as proposições atômicas e os fatos atômicos se combinam de acordo com as determinações da forma lógica.

A essência do mundo, ou melhor, de toda a realidade, é fundamentada e estruturada pela forma lógica. Quando Wittgenstein se refere à essência do mundo, ele se refere às condições de possibilidade dos fatos que estão no mundo. Assim, lemos no *Tractatus* que: “Especificar a essência da proposição significa especificar a essência de toda descrição e, portanto, a essência do mundo” (WITTGENSTEIN; PROENÇA, 2004, p. 192). Isto significa que a essência da proposição equivale à essência do mundo, já que os fatos – componentes de toda a realidade – são descritos por proposições. Sob esse aspecto, apresenta-se o plano da ontologia.

É a lógica que fornece a estrutura do nosso pensamento:

Não podemos pensar nada de ilógico, porque, do contrario, deveríamos pensar illogicamente. (WITTGENSTEIN, 2008, Aforismo 3.03)

Já foi dito que Deus poderia criar tudo, salvo o que contrariasse as leis lógicas. – É que não seríamos capazes de *dizer* como pareceria um mundo “ilógico”. (WITTGENSTEIN, 2008, Aforismo 3.031)

Não há a menor possibilidade de pensar fora do esquadro da estrutura lógica. Nos *CADERNOS 1914-1915*, Wittgenstein expressa, no dia 12.09.1916: “torna-se agora claro porque pensei eu que pensar e falar eram o mesmo. O pensar é uma espécie da linguagem. O pensamento é, decerto, *também*¹ uma imagem lógica da proposição e, assim, é igualmente uma espécie da proposição”(WITTGENSTEIN; PROENÇA, 2004, p. 122). Todavia, após refletir melhor sobre a questão, Wittgenstein afirma nos seus escritos dos Notebooks 1914-1916 que “Toda a proposição que tem um sentido tem um sentido completo, e é uma imagem da realidade, de modo que aquilo que nela ainda não está dito não pode simplesmente pertencer ao seu sentido” (WITTGENSTEIN; PROENÇA, 2004, p. 92). Nesse aspecto, podemos entender que se o pensamento é uma imagem lógica da proposição, então poderia o pensamento possuir um sentido completo, já que o pensamento é uma imagem lógica e a proposição é uma imagem da realidade, assim o pensamento pode ser compreendido como uma imagem da realidade.

Apesar da lógica se mostrar nas estruturas do mundo, fazendo-se refletir no empírico, a natureza dela é transcendental. Eis o aforismo tractatiano: “6.13 A lógica não é uma teoria, mas uma imagem especular do mundo. A lógica é transcendental”(WITTGENSTEIN, 2008, Aforismo 6.13). Ela fornece as condições transcendentais de possibilidade da linguagem descritiva, no entanto essa mesma linguagem não pode falar sobre a forma lógica. A lógica estrutura o espaço lógico dentro do qual se inserem os fatos mundanos: ela é transcendental, porque envolve as condições de possibilidade dos fatos que constituem o mundo.

¹ Grifo do autor.

Segundo Margutti:

Daí o apelo ao mostrar lógico, que revela algo presente na proposição dotada de sentido, como sua condição de possibilidade, mas que não pode ser descrito através de uma proposição. Isto significa postular que aquilo que se mostra logicamente só pode ser contemplado pelo sujeito transcendental, mas numa perspectiva diferente do mostrar místico (MARGUTTI, 2006, p. 30).

O transcendental quando remete-se ao âmbito do lógico é inerente à linguagem e ao mundo, constituindo a essência de ambos e mostrando-se nas proposições e nos fatos que elas descrevem. Vejamos o aforismo tractatiano “4.022 A proposição mostra seu sentido”. Nesta afirmação, percebemos que para Wittgenstein o sentido da proposição não é um fato do mundo. Este sentido revela-se na proposição através dos fatos expressos pela proposição.

Dentre as funções da proposição, encontramos uma de suma importância, uma vez que ela é capaz de mostrar a essência do mundo, sem, contudo, ser capaz de dizê-la. A essência do mundo mostra-se pela forma lógica das proposições.

A lógica é necessária e não pode ser em hipótese alguma, uma convenção. A lógica é uma rede transcendentalmente estruturante que o sujeito metafísico utiliza para organizar o mundo dos fatos. Essa rede é necessária no sentido de que é essencial, de que nenhuma outra rede possível seria capaz de realizar essa tarefa. Sendo assim, Wittgenstein concebe a lógica como um grande espelho. Eis as palavras do filósofo no aforismo “5.511: Como pode a lógica, que abrange tudo e espelha o mundo valer-se de sinuosidades e manipulações tão especiais? Só porque tudo isso se entrelaça numa rede infinitamente fina, no grande espelho”. Desta forma, entendemos que a lógica reflete as condições transcendentais de possibilidade do mundo. A estrutura lógica se mostra na proposição.

Esfera Metafísica

E quanto a esfera do metafísico? Não há possibilidade de utilização da linguagem para expressar aquilo que se mostra, haja vista que o âmbito do transcendental é o que está no limite do mundo. Destarte, podemos inferir que o mostrável não é um fato, por esse motivo a linguagem não alcança esta esfera. O que podemos entender mediante este pensamento do filósofo? Que aquilo que se mostra independe da vontade do indivíduo, não é do seu domínio. Isto é uma característica complexa da respectiva esfera.

Vejamos o aforismo tractatiano 4.1212 “O que pode ser mostrado não pode ser dito”(WITTGENSTEIN, 2008, Aforismo 4.1212). Podemos perceber a existência de duas dimensões distintas no pensamento do filósofo.

Ao que tudo indica o *mostrar* está no nível transcendental: não se trata aqui de um mostrar empírico, mas de algo que o ultrapassa. Aquilo que se mostra faz parte do místico, do inefável, impossível de ser expresso através da linguagem.

O metafísico, para o filósofo, se remete ao âmbito do indizível. Isto ocorre devido à sua natureza.

Na *Conferência sobre Ética*, Wittgenstein reconhece que, ao procurar pela forma lógica correta das expressões éticas e religiosas, a saber: expressões metafísicas, de repente percebe, num átimo, em silêncio, que não existe forma lógica adequada para as mesmas e que isso constitui uma deficiência essencial da linguagem. Não se pode pretender que um instrumento natural como ela expresse uma essência sobrenatural. Com efeito, uma das propostas de Wittgenstein, ao proferir a *Conferência sobre Ética*, é ressaltar os maus usos das expressões consideradas metafísicas, que pretendem “*ir além do mundo*, o que é o mesmo que ir além da linguagem significativa” (WITTGENSTEIN, 1991, p. 224). Isto implica em ir além do discurso científico, tendo em vista que o metafísico não se encaixa neste tipo de discurso, porque seus objetos de estudo não são fatos.

Tendo em vista a abordagem da esfera transcendental faz-se necessário nos remetermos à impossibilidade de se falar a respeito da metafísica:

6.53 O método correto da filosofia seria propriamente este: nada dizer, senão o que se pode dizer; portanto, proposições da ciência natural – portanto, algo que nada tem a ver com filosofia; e então, sempre que alguém pretendesse dizer algo de metafísico, mostrar-lhe que não conferiu significado a certos sinais em suas proposições. Esse método seria, para ele, insatisfatório – não teria a sensação de que lhe estivéssemos ensinando filosofia; mas *esse* seria o único rigorosamente correto. (WITTGENSTEIN, 2008, p. 281)

A metafísica é fundamentalmente transcendental. Logo, seus elementos não podem ser verdadeiros, nem falsos. São simplesmente sem sentido, por não possuírem a possibilidade de verificação. Eis a colocação de Pears sobre este assunto: : “as teorias metafísicas nunca são verdadeiras. São tentativas de dizer aquilo que pode ser mostrado, mas não pode ser dito e somente o que pode ser dito pode ser verdadeiro” (PEARS, 1973, p. 39). Lembramos que o metafísico para o filósofo, embora sem sentido não é sem valor, haja vista que o valor está na mesma dimensão da metafísica, a saber, transcendental. Assim sendo, remetemo-nos ao

aforismo tractatiano 6.4, onde o filósofo diz que “Todas as proposições tem igual valor”, ou seja, nenhum valor.

Nesse caminho filosófico, faz-se necessário algumas palavras acerca do sujeito metafísico, também denominado “eu filosófico”. A relação entre o sujeito metafísico e aquilo que se mostra envolve uma espécie de intuição ou contemplação.

É o sujeito metafísico que constitui as condições de possibilidade de falar através de um espaço lógico *a priori* que ele impõe ao mundo. Segundo Margutti, tal espaço parece corresponder a um sistema de coordenadas transcendentais, que, infelizmente, não teremos condições de detalhar aqui. De qualquer modo, fica claro que, embora o sujeito metafísico tenha constituído as condições de possibilidade da linguagem e do mundo, ele mesmo não faz parte do mundo.

Eis as palavras do filósofo no aforismo 5.631

O sujeito que pensa, representa, não existe.

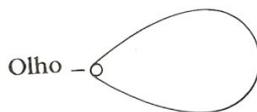
Se eu escrevesse um livro O Mundo tal como o Entendo, nele teria que incluir também um relato sobre meu corpo, e dizer quais membros se submetem à minha vontade e quais não, etc. ? este é bem um método para isolar o sujeito, ou melhor, para mostrar que, num sentido importante, não há sujeito algum: só dele não se poderia falar neste livro.

O sujeito não pertence ao mundo, mas é um limite do mundo.

Onde no mundo se há de notar um sujeito metafísico?

Você diz que tudo se passa aqui como no caso do olho e do campo visual. Mas o olho você realmente não vê. E nada no campo visual permite concluir que é visto a partir de um olho. (WITTGENSTEIN, 2008, p.241-247)

Wittgenstein está se referindo ao sujeito metafísico. Ele não existe “no” mundo, porque esse último não pertence à sua esfera. Por estar no limite do mundo, ele pode contemplá-lo em sua totalidade, *sub specie aeternitatis*. Ele “vê” o mundo sem estar no mundo. Assim como acontece na metáfora do olho e do campo visual:



Fonte: (WITTGENSTEIN, 2008, p. 247)

O que se “vê” sem estar no mundo, é o que se revela por estar em seu limite. Para esta percepção é necessário um elo, um elemento basilar que estabelece uma ponte entre aquilo que se mostra eticamente e a apreensão desta pelo indivíduo. Este elemento é a experiência mística. Mas o que isto vem a ser? É uma experiência pessoal e intrasferível. Como se fosse um súbito instante no qual a esfera mística se mostra. Não há receita ou regras para se alcançar a experiência mística. Ela simplesmente acontece.

É a experiência mística que permite vislumbrar aquilo que se mostra eticamente. A questão da natureza da linguagem e por consequência do que se pode ou não fazer com ela, a questão, em termos tractatianos, do que é dizível e do que é mostrável, nos remete à questão dos limites do mundo. Estes podem ser alterados para aquele que foi agraciado por uma experiência mística. Não é uma alteração física, mas uma modificação da perspectiva de mundo, de entendimento do todo.

Os elementos que compõem tal experiência não são passíveis de descrição. Isso significa que, se tentarmos descrever aquilo que se denomina *experiência mística*, constataremos que não há na linguagem recursos capazes de realizar essa tarefa, uma vez que os elementos que compõem tal experiência não possuem caráter fatural e não podem, portanto, ser descritos.

Tratando-se do aspecto transcendental não seria possível deixar de citar a impossibilidade de proposições religiosas. A inferência de Wittgenstein acerca das ilusórias proposições religiosas foi apontada na *Conferência sobre Ética*. Neste escrito, o objetivo do filósofo foi demonstrar o contrassenso que sobrevém quando se recorre à linguagem para expressar o inefável. Para tanto, ressalta o mau uso do símile e de expressões que parecem adequadas para exprimir o religioso.

A interpretação wittgensteiniana acerca do religioso é que estes são metafísicos e transcendentais, logo, se mostram. A transcendentalidade dos termos religiosos é o grande obstáculo para a elaboração de uma proposição religiosa.

Levando em consideração a impossibilidade de um discurso metafísico, de proposições éticas ou religiosas, enfrentamos uma indagação: qual é a forma adequada para expressar aquilo que se mostra no âmbito do ético? Somente através do silêncio. O silêncio é a única saída, revelando-se como uma espécie de saída contemplativa.

O silêncio proposto por Wittgenstein é referente àquilo que é inexecutável de ser dito cientificamente por estar relacionado à mostraçãõ do transcendental. O que pode ser dito pertence ao âmbito das proposições da ciência natural, que descrevem fatos. Assim, sempre que alguém tentar dizer algo pertencente à esfera transcendental, ou seja, algo de caráter metafísico, será preciso mostrar-lhe que está tentando falar sobre algo que não pertence ao mundo e que essa tarefa é impossível. A tentativa de falar sobre a esfera transcendental sempre envolve um desrespeito à lógica da linguagem, que pode ser caracterizado pelo uso de um signo sem o correspondente significado. Isso faz com que o método correto em filosofia seja justamente

mostrar que certa proposição metafísica não passa de contrassenso, porque deixou de atribuir significado a algum de seus elementos constitutivos.

Com efeito, se o que se mostra é indizível, resta ao sujeito que foi agraciado pela mostraçã, reter-se em silêncio, permanecendo em profunda imersão no que foi contemplado e em paz consigo mesmo. Este se encontra sem poder nem querer dizer nada sobre o assunto, por saber que não seria capaz de relatar algo oriundo de uma experiência tão profunda e pessoa². Eis a 7ª proposição: “O que não se pode falar, deve-se calar”.

É fato que antes de chegar ao estado do silêncio apaziguador, o sujeito empírico enfrenta um conflito consigo mesmo, uma vez que ele tem os instrumentos para expressar o que está no mundo, mas em hipótese alguma consegue expressar-se sobre o que está no limite do mundo, por não ter os instrumentos linguísticos adequados: “Toda a experiência é mundo e não necessita do sujeito” (WITTGENSTEIN, 1998, p.131). O sujeito a que Wittgenstein se refere neste caso é o sujeito metafísico que não está localizado no mundo. Quando a experiência de contemplação acontece, é possível constatar que ela pertence ao sujeito metafísico, que não se encontra no mundo, mas no limite deste.

Conclusão

Concluimos assim que a importância da esfera transcendental no pensamento de Wittgenstein é extremamente relevante para a constituição da sua filosofia. Tal esfera abrange os dois aspectos mais importantes de sua crítica à linguagem, a saber: o lógico e a metafísico. Tanto a esfera lógica quanto a ética estão relacionadas à esfera mística. Embora sejam de aspectos diferenciados. No entanto, é interessante observar que aquilo que se “mostra”, não é factual. Assim sendo, pensar em proposições éticas, religiosas, estéticas ou que expressem a essência lógica da linguagem não são possíveis.

Sendo assim, qualquer tentativa de expressar o transcendental é sem sentido por não haver fatos. Destarte, não pode haver proposições dotadas de sentido quando se trata do que está no limite do mundo, ou seja, na esfera transcendental.

A falta de sentido não é porque ainda não se encontrou uma forma adequada de se expressar, mas é em função do sentido estar ausente na natureza dos temas em questão: “Em outras

² Não podemos nem chamar de experiência por ser da ordem do sujeito metafísico, mas por falta de vocabulário, utilizarei o termo em questão.

palavras, vejo agora que essas expressões carentes de sentido não careciam de sentido por não se ter ainda encontrado as expressões corretas, mas sua falta de sentido constituía sua própria essência”(WITTGENSTEIN, 1995, p. 224). Como podemos ver, Wittgenstein reconhece que, ao procurar pela forma lógica correta das expressões éticas e religiosas, ele de repente percebe, num átimo, em silêncio, que não existe forma lógica adequada para as mesmas e que isso constitui uma deficiência essencial da linguagem. Não se pode pretender que um instrumento natural como ela expresse uma essência sobrenatural.

Referências

- JANIK, A.; TOULMIN, S. *A Viena de Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- MARCONDES, D. *Filosofia analítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- MARGUTTI, P. R. P. *Iniciação ao silêncio - análise do Tractatus de Wittgenstein*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- PEARS, D. *As ideias de Wittgenstein*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- PINTO, P. R. O tractatus de wittgenstein como obra de iniciação. *Filosofia Unisinos*, v. 5, n. 8, p. 81–104, 2004.
- WITTGENSTEIN, L. *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp, 2008.
- WITTGENSTEIN, L. *Fichas Zettel*. Portugal: Edições 70, 1989.
- WITTGENSTEIN, L. *Aulas e Conversas sobre estética Psicologia e fé religiosa*. Tradução de Miguel Tamen. Lisboa: Edições Cotovia: [s.n.], 1991.
- WITTGENSTEIN, L. *Conferência Sobre Ética*. Tradução de Darlei Dallagnol. Florianópolis/SC: Editora da UFSC/Editora UNISINOS: [s.n.], 1995.
- WITTGENSTEIN, L. *Cultura e valor*. Portugal: Edições 70, 1998.
- WITTGENSTEIN, L. *Luz y sombra: una vivencia (sueño) nocturna y un fragmento epistolar*. [S.l.: s.n.], 2006.
- WITTGENSTEIN, L. *Diarios secretos*. [S.l.]: Alianza Editorial, 2008.
- WITTGENSTEIN, L. *Movimentos de pensamento: diários de 1930-32/1936-37*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- WITTGENSTEIN, L.; PROENÇA, J. T. *Cadernos: 1914-1916*. [S.l.]: Edições 70, 2004.
- WITTGENSTEIN, L. et al. *Cartas a Russell, Keynes y Moore*. [S.l.]: Taurus, 1979.